

# PRODUÇÃO DE SENTIDOS E JUDAICIDADES EM FLORIANÓPOLIS<sup>1</sup>

Lia Vainer Schucman

Katia Maheirie

Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil

**Resumo.** O presente artigo tem como objetivo compreender os diferentes sentidos atribuídos a “ser judeu” no contexto florianopolitano, Santa Catarina, Brasil no início do século XXI. Entendendo de que forma se constitui uma identidade judaica nesta cidade, utilizamos o referencial teórico da psicologia sócio-histórica sobre constituição de sujeito e identidade. Para esta análise utilizamos depoimentos e entrevistas de sujeitos judeus freqüentadores da Associação Israelita Catarinense (A.I.C.). Os resultados da pesquisa apontam para uma re(criação) do judaísmo de acordo com os interesses desta coletividade estando diretamente relacionado às apropriações dos significados convencionais do judaísmo e da produção de novos sentidos para o que é “ser judeu” de acordo com histórias de vida, vivências afetivas, emocionais e intelectuais de cada sujeito. Assim cada um dos entrevistados encontrou em Florianópolis a liberdade e a possibilidade de atuar, concretizar, e construir um judaísmo aberto para as características deste coletivo, ocorrendo uma auto-identificação em semelhanças e diferenças com esta identidade.

**Palavras-chave:** Judaísmo, identidade, identidade judaica.

**Abstract.** The main aim herein is to understand the range of meanings and emotions given to “being a Jewish” in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil in the beginning of the XXI century. The theoretical referential used to develop the current study belongs to the Social-Historical Psychology which also concerns subjects and identities. This analysis presents interviews and testimonies from an expressive amount of Jewish local residents, who use to go to A.I.C. (Associação Israelita Catarinense). The results herein point out for a special need: the re-assessment of the Jewish identity/Judaism related to specific interests inherent in this local collectivity. These interests are connected to the appropriation of some Judaism conventional meanings and the production of possible interpretations about being a Jewish. It is important to mention that this Jewish local identity is drawn according to the interviews made which shows local Jewish people’s life stories as their emotional, affective and intellectual experiences. Besides of having found freedom in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil, they have also

found a real possibility of becoming social actors able to build up a concrete Judaism that fits to their needs and to the local characteristics of this collectivity they belong to.

**Keywords:** Judaism, identity, Jewish identity.

*Juden:* religião, povo, etnia, cultura, nação ou memória? Entender o que faz com que alguém seja judeu e se constitua como tal, sempre fez de inúmeras indagações. Nos referenciais teóricos e nos textos lidos para a realização deste trabalho, percebemos que esta não era apenas uma pergunta nossa. Há séculos, judeus e não judeus tentam dar explicações para a permanência e transformação desta identidade. O pluralismo e a diversidade de significados e sentidos produzidos pelos sujeitos judeus à própria identidade judaica em diferentes aspectos deste universo, são fatores que desencadeiam a dificuldade em responder tal pergunta.

A identidade judaica, como toda e qualquer identidade, apresenta características e questões diferentes em cada época, espaço e contexto histórico. E, neste sentido, os estudos que apontam apenas para a religiosidade como característica do judaísmo, já não contemplam as necessidades que se impõem para definir esta coletividade na contemporaneidade. Daí surgiram novas dificuldades para definir esta identidade.

As alterações no contexto social da contemporaneidade impressas pela “modernidade tardia”<sup>2</sup> refletem necessariamente nas práticas dos sujeitos, que hoje encontram diferentes opções culturais e plurais para as próprias narrativas de vida. As antigas formas de construção de identidades junto ao Estado, às religiões e às famílias não são as mesmas. As identidades aparecem como sínteses resultantes da apropriação de diversos significados culturais e simbólicos ao longo do percurso singular de cada sujeito. Ao longo desse percurso os sujeitos procuram conciliar vivências, muitas vezes contraditórias, de diferentes contextos sociais em que circulam. No entanto, o processo de constituição dos sujeitos e, portanto, a *identidade*, nunca pode começar do zero. Este movimento de apropriação de significados e produção de sentidos

baseia-se sempre em um conjunto de determinados materiais simbólicos construídos sócio-historicamente dentro da cultura em que estão inseridos.

A criação do Estado de Israel e seus conflitos atuais, o processo de globalização e as novas políticas identitárias trazem consigo novos questionamentos para a identidade judaica na contemporaneidade, tais como: o que é ser um judeu hoje? Quais os significados e sentidos do “ser judeu” na contemporaneidade? Como este grupo se caracteriza? Quais os processos de constituição destes sujeitos? Para contribuir com essa reflexão este trabalho tem como objetivo compreender os diferentes sentidos atribuídos a “ser judeu”, pelos sujeitos judeus, no contexto florianopolitano, SC, Brasil, entendendo de que forma se constitui uma identidade judaica nesta cidade.

Os sujeitos entrevistados nesta pesquisa são pessoas que circulam entre diversas culturas e lugares sociais, são pessoas integradas na cidade de Florianópolis, e a opção por morar nesta cidade vem para os sujeitos como diferentes motivações: qualidade de vida, emprego, estudos, etc. Suas motivações apontam que estes sujeitos não tinham como prioridade a escolha de uma cidade que contemplasse o judaísmo com seus aspectos tradicionais, religiosos e marcos institucionais, mas, no entanto, sentiram necessidade de construir vivências judaicas no local.

A união dos judeus em Florianópolis apresenta-se de forma muito atípica quando comparada à maioria dos coletivos judaicos do Brasil e de outros países. O fato de haver em Florianópolis uma crescente união judaica sem que exista uma sinagoga própria, um cemitério e uma escola judaica apresenta-se como uma situação que se contrapõe a outras coletividades judaicas do país e do mundo. Segundo Baron (1974), estes são os elementos demarcadores dos traços identitários da união entre judeus. Contudo, a A.I.C.<sup>3</sup> presente nesta cidade criou novas “práticas” e transformou antigas, que fazem com que se mantenha uma continuidade e transformação da tradição<sup>4</sup> judaica. Essas novas práticas são sempre criadas e recriadas e, portanto, não é uma característica apenas do coletivo judeu em Florianópolis. É a partir dessas novas práticas e da recriação de antigas que, nesta investigação, fazemos uma análise do processo de construção de identidade judaica em Florianópolis, entendendo-a, como toda e qualquer identidade, como processos de identificações em curso.

Portanto, esta mescla de diferentes determinações culturais não é capaz de eliminar inteiramente algumas singularidades saturadas de sentidos, cuja

compreensão exige reflexão e sensibilidade. Quais os rituais e símbolos que esse coletivo partilha? De quais formas se unem? Quais os sentidos que esse coletivo atribui à identidade judaica? Com que propósitos se reúnem? Quais as identificações que os levam a caracterizarem-se como judeus, em semelhanças e diferenças? Como os sujeitos pertencentes a esse coletivo minoritário se percebem frente à ambivalência de estarem inseridos dentro de uma cultura maior – a brasileira – e, particularmente, nesse caso, no contexto urbano de Florianópolis? Estas são questões que procuramos responder neste artigo.

Para a realização desta pesquisa a entrevista semidirigida apareceu como o melhor recurso para aquilo que era o nosso objetivo, a saber: compreender os significados apropriados e sentidos produzidos pelos próprios sujeitos com relação à identidade judaica. Para a escolha dos entrevistados alguns critérios foram estabelecidos *a priori*: o primeiro deles é que o sujeito residisse na cidade de Florianópolis há pelo menos 5 anos; o segundo critério é que o sujeito estivesse de alguma maneira vinculado à Associação Israelita Catarinense, e o terceiro é que este tenha nascido de mãe judia ou se convertido ao judaísmo, por serem estes, segundo a *Halachá*,<sup>5</sup> os sujeitos considerados judeus tradicionalmente. Para a seleção dos entrevistados procuramos sujeitos de diferentes gerações, gênero e identificações com a religião judaica, somando um total de 8 entrevistados.

## Identidade

Neste artigo, compreendemos o conceito de identidade na ótica da psicologia sócio-histórica,<sup>6</sup> o que significa apontá-la como um processo histórico aberto e inacabado, que se caracteriza pela unificação das diferenças em torno de um projeto em comum (Maheirie, 2002). Assim, ao falar em identidade judaica, entendemos que ela se constrói a partir de movimentos dialéticos que articulam igualdade e diferença, permanência e transformação, raízes e opções (Sousa Santos, 1995a). Sob esta ótica, o conceito se apropria da noção de diferença e o incorpora na sua interioridade: identidade é igualdade e diferença ao mesmo tempo.

Desta maneira, apesar de haver significados coletivos que definem o que é “ser judeu”, cada sujeito atribui sentidos diferentes às práticas e vivências judaicas ocorrendo, portanto, ocorre uma auto-identificação afetiva e emocional num jogo de igualdade e diferenças de modo particular com esta

identidade, de tal forma que a constituição dos sujeitos *como* judeus é, ao mesmo tempo, singular e coletiva. Vygotsky (2001) elegeu o *significado* como a unidade de análise que contém em si as duas funções básicas da linguagem: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. É por meio dos significados que se dá a mediação simbólica entre o sujeito e o mundo, eles são o filtro através do qual o sujeito apreenderá a realidade e agirá sobre ela. Para o autor, o significado, enquanto parte inalienável da palavra é um fenômeno da linguagem, do discurso. Porém, uma palavra sem significado é apenas um som vazio, e como a palavra nunca se refere a um objeto isoladamente, mas a todo um grupo ou classe de objetos, o significado de cada palavra, do ponto de vista psicológico, é sempre uma generalização, um conceito e, como toda formação de conceitos, é um ato do pensamento – o significado é também um fenômeno do pensamento. “Ele (o significado) é ao mesmo tempo linguagem e pensamento porque é unidade do pensamento verbalizado” (Vygotsky, 2001, p. 10).

Na concepção de Vygotsky sobre os significados atribuídos a cada conceito há uma nítida relação entre aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psíquico. Isso se verifica porque este estabeleceu uma distinção entre os dois componentes de um conceito: o significado propriamente dito e o *sentido*. O primeiro consistiria num núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, compartilhado pelos sujeitos que a utilizam, referindo-se então ao sistema de relações objetivas, formado no processo de desenvolvimento do conceito. “O sentido, por sua vez, refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo” (Oliveira, 1992, p. 81). O sentido atribuído a ser judeu será constituído por cada sujeito de forma dinâmica, fluida e complexa. Ele é a unificação de todos os fatos psicológicos que despertam na consciência de cada sujeito, estando, portanto entrelaçado de conteúdos intelectuais, vivenciais e afetivos.

O conceito de *judeu*, por exemplo, pode ter o significado objetivo para a tradição judaica de que é judeu aquele que tenha nascido de mãe judia ou se convertido ao judaísmo. Porém, muitas coletividades judaicas atribuem significados diferentes ao *ser judeu*. Além disso, ser judeu pode ter um sentido único para cada sujeito que se identifica como judeu. Definir o que é o judaísmo e o que é ser judeu é o ponto nodal que está no bojo das discussões contemporâneas sobre identidade judaica. Nenhuma das categorias sociológicas como religião, etnia, nação e raça, consegue possibilitar uma compreensão exata do

que é ser judeu. Para o rabino brasileiro Nilton Bonder (2001, p. 13), “a complexidade do judaísmo está em ser um pouco de tudo o que não é: não é religião, não é filosofia, não é cultura, não é etnia, não é estado e não é terra. É tudo ao mesmo tempo”.

Atualmente, “ser judeu” possui múltiplas conceituações que de algum modo abrangem inúmeras características que constroem essa identidade. Os pontos principais da constituição desta identidade e que tradicionalmente são utilizados para definir alguém como judeu são a adesão às práticas religiosas, a ligação com a história e a cultura judaica, a afirmação da etnicidade e o vínculo ao Estado de Israel. Deste modo, podemos perceber que a etnia, a nação, a religião, a memória e a cultura constituem uma trama complexa na construção desta identidade. Neste artigo iremos analisar como a religião, a tradição e afetividade constituem os sujeitos e o judaísmo em Florianópolis.

## Unificação e construção de identidade judaica em Florianópolis: significados e sentidos de ser judeu

### *Religião*

Neste trabalho optei por usar a definição de Clifford Geertz (1989) sobre religião. Nesta definição, a religião é fundamentada como um sistema cultural, e, são estes sistemas de padrões culturais e símbolos sagrados que fornecem para um povo o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos e sua visão de mundo. O judaísmo, por ser uma religião repleta de simbologia, significados e ritos que regulam o cotidiano e a visão de mundo de um grupo, se encaixa perfeitamente na definição de um sistema cultural que formula noções de moral, ética, vivências emocionais, e factuais dos sujeitos judeus. A religião judaica não pode ser vista de forma alguma como algo sólido e permanente, visto que dentro dela há subdivisões e ainda constantes mudanças. Deste modo, não há judaísmo e sim judaísmos.

Entre os entrevistados a ligação com a religião judaica tem aspectos semelhantes e diferentes para cada sujeito. No entanto, apenas um sujeito afirmou categoricamente ser ateu, de modo que a apropriação da questão religiosa dentro do judaísmo não lhe confere em nada o “ser judeu”. Apesar da cidade de Florianópolis não apresentar possibilidades para um judaísmo ortodoxo, ao perguntarmos a um dos entrevistados sobre sua relação com a religião judaica, este afirmou que segue a religião pela ortodoxia:

Em todos os aspectos que indica a religião judaica, rezando 3 vezes por dia, comendo Kasher na minha casa, respeitando todas as festas judaicas – as pequenas e as grandes – e levando em meu lar uma vida totalmente judaica. (Renato)

Ao perguntar ao Renato como que ele faz para seguir todas as tradições em Florianópolis, responde que para ele é necessário sair da cidade:

As grandes festas judaicas eu participo fora de Florianópolis, porque Florianópolis não tem para mim uma comunidade que seja representativa de acordo com aquilo que eu sou, porque está muito misturada. Em princípio eu pensei que podia ser, mas me dei conta a partir do tempo que era muito mais difícil porque foram tomando conta desta comunidade ou desta associação pessoas que não tem implicação e afinidade com o lado religioso. (Renato)

A resposta de Renato sobre as festas de Florianópolis realmente condiz com a realidade das cerimônias realizadas pela A.I.C, que tem uma preocupação maior em narrar as histórias destas festas e apresentar o aspecto cultural, como a comida típica de cada celebração e as rezas de cada festa, para além da observação da religiosidade ortodoxa judaica. Já que as cerimônias são de acordo com a proposta de um judaísmo liberal.

Os outros entrevistados, com exceção de André, que é ateu, afirmaram seguir a religião judaica. A partir das entrevistas, no entanto, fica claro que cada entrevistado significa os preceitos da religião de forma que se adapte ao estilo de vida que vieram procurar em Florianópolis, e ainda de um modo que as ações concretas do judaísmo tradicional ortodoxo não sejam prioridade. Ou seja, as ações cotidianas, como, por exemplo, a dieta *Kasbrut*, ou a reza diária só é respeitada por Renato. Nesse sentido, não é fácil definir o grau de religiosidade deste coletivo, já que mesmo sem seguir os preceitos da religião judaica os sujeitos entrevistados vivenciam e se apropriam da religião judaica significando-a particularmente. A análise de como os sujeitos vivenciam o *Shabat* é um dos exemplos disto.

### *Shabat*<sup>7</sup>

Entre os sujeitos entrevistados o único que respondeu que observa o shabat, segundo os preceitos ortodoxos, foi Renato, que acende as velas em casa toda sexta, 20 minutos antes do pôr do sol e só faz algum trabalho no momento em que o shabat se encerra:

Aqui em casa toda sexta acendemos as velas e comemoramos shabat, toda sexta, para nós toda sexta a tarde já é uma festa, é uma festa muito importante, a maioria das pessoas pensam que as grandes festas são as mais importantes, porém a mais importante e que deve ser comprida é o shabat, porque está dentro dos 10 mandamentos. Eu faço o shabat dentro da minha casa, não vou à comunidade, porque lá não respeitam o horário das velas e tem gente que trabalha e cozinha na própria associação depois do pôr do sol. Aliás, aquele dia que você me viu na comunidade, foi a primeira vez que fui este ano, porque o tipo de festa não era religiosa, era uma festa que comemora a liberação do povo judeu depois da segunda guerra, então eu fui. (Renato)

Contudo, exceto André, os outros entrevistados, apesar de não observarem o *shabat*, mencionaram de diferentes formas a lembrança do *shabat* em suas semanas. Roni afirmou que em São Paulo, na casa da sua mãe, sempre há um jantar e que se acende as velas, no entanto em Florianópolis ele não faz a cerimônia, porém afirma lembrar do significado espiritual do shabat em seu cotidiano:

Na casa da minha mãe sim. Sempre tem toda sexta-feira, um jantarzinho... mas eu em casa não, porque eu moro sozinho. Mas eu faço meu shabat lá na minha academia que sexta-feira é o dia da roda aberta, é dia de festa, e eu sempre paro um pouco na roda e penso que é shabat. (Roni)

É possível perceber que Roni apropria-se, em diferentes matizes, de um universo cultural do judaísmo – o *shabat* – e reconstrói em sua vida cotidiana este universo de forma que faça sentido com suas escolhas pessoais, como dar aula de capoeira às sextas-feiras. Roni encontra alguns elementos comuns tanto ao shabat como à roda de capoeira: a alegria, a festa. Nesse sentido, este se constitui como judeu na opção pela lembrança de um marco construído pela cultura judaica que está inserido, o *shabat*, no entanto não o faz de forma repetida, e sim se apropriando de sua experiência pessoal e social. A identidade, desta forma se constrói em uma negociação da tradição e da mudança e sempre como um processo dinâmico.

Roni, ao criar um *link* entre a capoeira e o shabat, está necessariamente criando um judaísmo particular. Nesse sentido, a teoria de Vygotsky (1987) sobre atividade criadora contribui para entender como Roni estabelece esta relação, pois para o autor a criação é a reorganização de diferentes elementos que resultam de diferentes apropriações vivenciadas pelo sujeito. Criar é, portanto, a possibilidade de fazer novas combinações a partir de elementos extraídos da realidade. “A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo



homem, porque esta experiência é o material com o qual constrói seus edifícios de fantasia” (Vygotsky, 1987, p. 17).

O processo de criação compreende uma série de ações e operações do sujeito, que significa, relaciona, ordena, classifica a realidade vivida transformando-a e recriando-a através da imaginação. A capoeira e o judaísmo são dois elementos fortemente vivenciados por Roni, que por meio da combinação destes dois elementos do seu cotidiano (re)cria uma forma particular de sua judaicidade. Esta criação surge de uma necessidade de Roni em/de conciliar dois fatores importantes em sua vida – a roda de capoeira e o shabat – e por isto busca por meio desta criação uma forma de unificar estes dois elementos, de forma que ultrapassa a tradição transformando a realidade vivida, produzindo sentidos diferentes tanto ao judaísmo quanto à capoeira.

Assim como Roni, muitos outros entrevistados negociam a lembrança do shabat com suas experiências e escolhas pessoais. Beth comenta que muitas vezes acende as velas em sua casa e, além disso, quando pode, prepara a *chálá* para a sexta feira. Beth argumenta que preparar a *chálá* é uma forma de materializar o que é espiritual.

A Natalia comenta que, quando ela chega em casa, ao meio-dia, e tem cheiro de chálá, ela acha um barato. Tem esse sentido de você trazer para o material as coisas do espiritual, chegar em casa com o cheiro do pão é lembrador da questão do shabat. Aliás, eu esqueci de te dizer que dentro da questão desse formal, desses ritos, eu entendo os ritos importantes, basicamente só como lembradores, recordadores, recorda.

Em outras palavras, acender as velas e fazer o pão é uma forma de objetivizar aquilo que é subjetivo. É uma forma de se apropriar da cultura e da tradição judaica singularmente, pois, quando Beth acende a vela, apesar de ser algo milenar na tradição, ela singulariza esse universal fazendo sua própria oração, já que para ela não faz sentido apenas repetir as palavras em hebraico:

Eu, quando acendo as velas, especificamente penso nas pessoas que entram nessa casa, nas pessoas que compartilham, nos bichos que também compartilham, e aí eu jogo isso e vou expandindo isso para a rua, no bairro, para o município, para a Ilha, para o estado, Brasil e para o mundo. (Beth)

O shabat também apareceu nas falas dos sujeitos como uma memória familiar, uma lembrança emocional, que remete a um passado não só da família, mas sim de todo um povo, de modo que o acender das velas na sexta,

assim como fazer o jejum, tem o sentido de pertencimento e de unificação a toda coletividade judaica em diferentes tempos históricos. É o que aparece na fala de Jacks:

A minha mãe não freqüentava muito a sinagoga, mas todo sábado, no cantinho da sala, ela fazia a braha, a reza do shabat , era uma briga lá em casa para ver quem acendia a vela... Eu acendia a vela para ela e... pra mim, acender as velas é me recordar da minha família e um pouquinho do passado judeu (Jacks)

O ato de acender as velas, fazer o pão, e lembrar o *shabat* nestes sujeitos é uma produção aberta de uma identidade judaica nova, que se iguala e diferencia em uma constante tensão entre permanência e transformação, produto de uma história judaica milenar, assim como é também um projeto de uma continuidade judaica. Falo de um processo que se constitui singularmente e coletivamente. Assim, estes sujeitos, “inseridos neste cenário de múltiplas singularidades que se entrecruzam, realizam suas histórias e a dos outros, na mesma medida em que é realizado por ela, sendo por isso produto e produtor, simultaneamente” (Maheirie, 2002).

### Tradição: ritos de nascimento, casamento e enterro

Os judeus, assim como outras religiões dividem seu calendário com festas semanais, anuais, e ciclos de vida. Dentro deste ciclo de vida, existe o ritual de nascimento (*Brit milá*), de maioridade (*bar mitzvá*), casamento e enterro. Não cabe neste trabalho descrever minuciosamente os costumes e detalhes de cada um, mas sim descrever como os judeus de Florianópolis fazem para realizar alguns destes ritos.

Os ritos são apontados por Geertz (1989) como o ponto catalizador de disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens, e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens, se encontram e se reforçam umas às outras. O rito é o ponto nodal onde há uma fusão simbólica do *ethos* com a visão do mundo de uma certa população. “São principalmente os rituais mais elaborados e geralmente mais públicos que modelam a consciência espiritual de um povo, aqueles nos quais são reunidos, de um lado, uma gama mais ampla de disposições e motivações e, de outro, de concepções metafísicas” (Geertz, 1989, p.129).

Todos os ritos religiosos são também realizações culturais que mantêm e propagam de geração em geração todo um sistema simbólico que carrega consigo uma visão de mundo e uma organização para a vida.

### *Circuncisão*

Para os judeus o rito da circuncisão é chamado de *Brit Milá*, a palavra *brit* em hebraico significa pacto e, *milá*, cortar ou retirar. O ritual de brit milá é justamente a realização do pacto que consiste em cortar e/ou retirar o prepúcio que cobre a extremidade do pênis, órgão reprodutor masculino.

Em Florianópolis a Associação ou a família costuma trazer um *mobel* de outra cidade para realizar o ritual da circuncisão (*Brit Milá*), já que a estrutura da A.I.C não permite que se faça este ritual sem que traga alguém de fora, pois além de ser necessário saber a reza, é necessário que se tenha a técnica de como fazer o processo microcirúrgico. Nos sujeitos homens pesquisados todos são circuncisados e, com exceção de André, todos os entrevistados que já tiveram filhos homens circuncidaram seus filhos, e aqueles que ainda não tiveram responderam pretender realizar a cerimônia caso tenham filhos homens.

Partindo do pressuposto que com oito dias a criança não pode escolher se quer ou não ser circuncisada, não teve sentido perguntar porque optaram pela circuncisão. A questão recaiu, no entanto, no porque da opção de fazer o ritual em seus filhos:

Todo sentido. Dentro do judaísmo é um compromisso atávico entre Abraão e a sua descendência. Bom, isso biblicamente. Para mim, assim, eu tenho um pinto igual ao do meu pai, meu filho tem um pinto igual ao meu porque também é circuncisado e assim vai. Quer dizer, é uma coisa de tradição mesmo. (Sandro)

Aqui aparecem claramente duas motivações para optar pela circuncisão. A primeira refere-se a uma apropriação do significado religioso do ritual, uma crença no texto bíblico. A segunda motivação aparece como uma forma de igualar-se fisicamente a todo coletivo masculino judaico, ou seja, o judaísmo e seus rituais aparecem como um sistema cultural que faz uma mediação entre todos os homens da família, e todos os homens judeus, de forma que além da marca cultural este sistema produz uma marca física nos homens desta coletividade. Milene ao argumentar porque faria a circuncisão se viesse a ter um filho homem apóia sua motivação também na diferenciação (outros) e identificação (nós) em termos físicos:

Se eu tivesse um filho homem com certeza seria circuncisado, na verdade nunca pensei porque faria a circuncisão, pois para mim é algo óbvio que vou fazer, pela tradição, para passar para frente. Não estou pensando em Abraão,

nem no pacto religioso, estou pensando na identidade, quero que meu filho tenha esta marca, pois este é um traço físico da identidade judaica, algo que diferencia no corpo.

A identidade é sempre algo que define fronteiras entre quem somos nós e quem são os outros, portanto só existe em relação a uma alteridade. Deste modo, a circuncisão realmente aparece como um marco físico de igualar-se e diferenciar-se entre o “nós” e os “outros”. Ao perguntar ao Jacks quando foi que ele se deu conta de “ser judeu”, a circuncisão aparece como sua primeira lembrança da diferença:

A gente sabia que era judeu, porque era judeu, a gente não falava muito, só achava que era diferente. Diferente como? (Lia). Na hora de urinar com os outros colegas, eu sempre mijava mais alto (risos). (Jacks)

Para Roni, diferentemente do motivo da tradição e da diferenciação, a circuncisão aparece como uma aliança religiosa que adquire um significado de verdade divina. Para Geertz “é no ritual, isto é, no comportamento consagrado que se origina de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verdadeiras e de que as diretivas religiosas são corretas” (1989, p. 128). Para Roni:

Pois é, embasado nas teorias eu acho a verdade mesmo. Realmente isso aí foi uma aliança, que Deus tem na carne mesmo, é mítico assim. A gente faz vários sacrifícios espirituais e atitudes que a gente não vê. Quando a gente faz o shabat, não faz apenas com as pessoas, mas fazemos também com Deus, a gente manda para um lugar que a gente não vê, uma dessas alianças que a gente faz na carne é essa aí da circuncisão. Sempre que a gente estiver com a carne nesse corpo a gente vai carregar.

Dentro da tradição judaica, a circuncisão é um dos definidores do pertencimento ao coletivo judaico, tanto que é uma exigência da conversão masculina, optar por não fazer a circuncisão em um filho adquire dentro deste coletivo o significado de não pertencimento e continuidade não só da religião, mas sim da tradição e da cultura. Ou seja, podemos perceber que esta preocupação dos sujeitos em circuncidar os filhos demonstra outra, a saber: um projeto de continuidade judaica.

### *Casamentos/Enterros*

Os rituais de casamentos entre judeus não acontecem com muita frequência na cidade de Florianópolis, pois, por ser uma coletividade pequena,

as possibilidades de casamento entre judeus são poucas. Pude observar no meu campo que a grande maioria dos casais que freqüentam a A.I.C advêm de casamentos mistos. Assim como os casamentos, os enterros de judeus em Florianópolis também acontecem com pouca freqüência, isso porque os sujeitos são em grande parte provenientes de outros estados brasileiros, de modo que a família opta, na maioria das vezes, pelo transporte do corpo para os cemitérios de outras cidades. Outro fato é que a coletividade judaica não tem um cemitério próprio, e tampouco uma área própria em alguns dos cemitérios desta cidade, o que inviabiliza o enterro em Florianópolis de acordo com as leis e as tradições judaicas ortodoxas.<sup>8</sup> No entanto, mesmo sem ter um cemitério apropriado para o ritual judaico, alguns judeus são enterrados no cemitério jardim da paz<sup>9</sup> e, deste modo, à coletividade se organiza para que os membros da comunidade realizem as rezas e os rituais judaicos conforme a possibilidade que o cemitério oferece.

A falta de casamentos entre judeus e a falta de um cemitério judaico na cidade, são, portanto, duas questões que apontam para a mudança da tradição das coletividades judaicas. Ou seja, o fato da população judaica em Florianópolis ser quantitativamente pequena faz com que os sujeitos judeus (re)criem e produzam novos sentidos para os significados da tradição judaica, a fim de não perderem a possibilidade de vivenciar um judaísmo, contudo com a necessidade de uma (re)forma deste. A construção da identidade judaica deste coletivo, portanto, é uma negociação entre tradição e opções de mudanças que são demonstradas em múltiplos sentidos pessoais ao judaísmo, bem como por novos sentidos do coletivo como um todo.

Compreendo, então, que há na construção desta coletividade os dois sentidos que Sawaia (1999) apresenta como contidos no conceito de identidade: o de permanência e o de transformação, ou seja, identificações em semelhanças e diferenças, possibilitando novas formas de vivenciar a judaicidade. Neste sentido, a transformação não está apenas ligada aos sentidos pessoais e singulares de cada sujeito, mas sim uma transformação de toda a coletividade judaica florianopolitana no que se refere a uma tradição milenar. Neste ponto é importante ressaltar que os sujeitos desta comunidade estão optando por uma recriação do judaísmo que vem ao encontro dos interesses de uma maioria dos sujeitos freqüentadores da A.I.C, contudo também contrapõe a alguns membros, como é o caso de Renato.

Nesse sentido, o caráter de construção dessa coletividade aparece em várias falas como catalizador de um judaísmo nos próprios sujeitos, pois por

não encontrarem algo já instituído, os sujeitos se sentem mais envolvidos e comprometidos a construir esse judaísmo na cidade de Florianópolis. Na entrevista realizada com Sandro, uma das questões que fiz foi como que ele achava que se caracterizava o judaísmo em Florianópolis, já que os marcos tradicionais como cemitério, escola e rabino não existem nesta localidade. Em uma resposta longa repartida para análise em três citações, Sandro proporciona a compreensão de diferentes aspectos relacionados ao processo de construção desta coletividade e do próprio sujeito.

É interessante essa pergunta, mas a gente tem que olhar de um outro viés, e aliás isso é uma coisa também judaica. Você tem uma primeira leitura, mas vamos olhar do lado, vamos olhar de baixo, de cima, para ver como é esse negócio. Pelo fato de não ter um rabino, não ter sinagoga, na verdade eu acho que até hoje a gente tem uma quase sinagoga, porque nos temos uma *Torá* que é o que caracteriza a existência de uma sinagoga, hoje em dia a gente tem, espero que não seja um pecado essa interpretação, mas uma quase sinagoga e que ela se torna uma sinagoga no momento em que tem pessoas reunidas ali por sua própria vontade e estão ali abertas espiritualmente, que estão ali, então estamos falando mais da questão religiosa agora, mais do judaísmo religioso...

Apesar de Florianópolis não ter uma construção própria que represente um local permanente da A.I.C, os associados pagam o aluguel de uma casa e transformam este lugar em centro de reuniões para todos os encontros da coletividade. O judaísmo não exige um local especial para a oração individual nem para as orações diárias, no entanto certas rezas exigem a presença de um *minian*, o quorum de 10 homens. Por isso, qualquer coletividade judaica necessita um local para suas orações coletivas. O rolo da *Torá* basta para santificar o local e torná-lo uma sinagoga, de forma que a fala de Sandro mostra uma preocupação em legitimar, conforme os preceitos da religião, a existência de uma sinagoga na cidade, apresentando desta forma uma motivação do coletivo para manter um judaísmo conforme a tradição.

...e a não existência de rabino faz com que pessoas como eu ou como outro, como eu vi agora na sexta-feira um rapaz que estava lá conduzindo um Shabat e tal, à procura de fazer alguma coisa que no lugar onde já tem toda uma estrutura talvez essa pessoa já tivesse mais passiva. E ela aqui esta mais ativa, aquele papo meio panaca de crise e oportunidade, mas na verdade o fato de não ter rabino e tudo isso muitas vezes mostra uma janela de oportunidades para pessoa como indivíduo. Bom, então agora vamos fazer, eu estou à frente aqui, o que eu vou falar para essas pessoas, como a gente vai conduzir isso, como vai conduzir aquilo...

A análise de Sandro sobre falta de Rabino mostra um dos aspectos que caracterizam muitos dos sujeitos entrevistados. Assim como Sandro, Esther, Milene, Roni e Beth apresentaram em diferentes momentos das entrevistas a falta do judaísmo institucionalizado como proporcionador da constituição dos mesmos como judeus. Ou seja, ao sentirem a necessidade e responsabilidade por construir uma vivência judaica em Florianópolis, os mesmos sujeitos se impulsionam para estudar, compreender e entender aspectos da tradição judaica e, desta forma, transmitir estes conhecimentos para a coletividade como um todo. Assim a falta produz nestes sujeitos a motivação e o desejo para construir esta vivência que dialeticamente os constrói também como judeus.

...Tem um lado meio ruim, não vou dizer meio ruim, mas desfavorável, que muitas vezes a gente não faz aquilo que o mundo inteiro aquele dia talvez esteja fazendo como reconhecimento da tradição e aqui a gente não está fazendo, foi agora esse fim de semana **ticha be av**<sup>10</sup> talvez tenha alguma coisa específica que seja falada, eu não digo fazer um jejum como os ortodoxos fazem, mas algum tipo de reza ou coisa desse tipo, pode ser que a gente tenha falhado em não fazer por ignorância. Então, claro que existe uma dicotomia aí, mas eu não acho completamente assim, não tem rabino, não tem sinagoga então não tem nada, eu acho que tem seu valor, eu acho que tem bastante valor, mas é um pouco diferente... (Sandro)

Nesta passagem Sandro apresenta uma preocupação em realizar as práticas judaicas conforme os preceitos da religião, demonstrado a importância que o mesmo atribui aos significados da tradição, e que, pela falta de um rabino, algumas passagens religiosas não são contempladas. Neste sentido, essas vivências judaicas apresentadas pelas falas de Sandro mostram o caráter dinâmico, fluído, híbrido e de transformação e permanência de práticas e vivências da coletividade judaica, já que tanto os significados dos rituais religiosos passam pela apropriação dos sujeitos que lideram esta coletividade e produzem para todo este coletivo, novos sentidos sobre as práticas judaicas.

### Signos Judaicos e Afetividade: Constituir-se judeu nas e pelas relações afetivas – família

Além das categorias tradicionais sobre vinculação ao judaísmo, percebemos no campo, que muitos sujeitos fazem questão de manter uma tradição judaica e continuar com o judaísmo por aspectos afetivos e

emocionais, ligados a um passado comum, a uma história comum, que primeiramente ligam estes às famílias em que nasceram e depois à memória do povo judeu como um todo. Reside aqui a justificativa de se fazer o *shabat*, ir à festa de *rosh shaná*, comer *matza*, *guivelt fish*, encontrar uma *menorah*, uma *mezuzá* na casa de alguém. São signos comuns que unificam esta coletividade. Dito de outra maneira, os símbolos do judaísmo aparecem como um significante a partir do qual vários elementos da realidade, as experiências de cada um, são selecionados e constituem esses sujeitos, ou seja, esses signos comuns são apropriados por eles segundo seu valor afetivo.

Em diferentes falas dos sujeitos entrevistados os símbolos e signos judaicos – a letra hebraica, o cheiro da *chálá* na sexta-feira, as velas acesas, a família reunida – aparecem como responsáveis pelas primeiras lembranças judaicas vivenciadas. Isto confere ao judaísmo uma idéia de mediação familiar, uma vez que os símbolos e os signos judaicos se fazem também responsáveis por uma união familiar, e pela unificação desta coletividade como um todo em passado, presente e pela transmissão e continuidade, ou seja, futuro desta cultura. Isaac Epstein em *O signo* apresenta de forma clara o papel destes signos na transmissão da cultura:

A transmissão de significados constitui o fluxo intersubjetivo pela qual circula a cultura. A experiência vivida, o real sentido, percebido ou compreendido, o mundo do real ou do imaginário, das teorias científicas ou dos mitos, enfim da vigília ou do sonho, é mediado de homem a homem por entes concretos capazes de impressionar nossos sentidos: os signos (Epstein, 1990, p. 21).

Ao perguntar por que Milene se sentia judia ela apresentou a diferença entre o judaísmo e as outras religiões, não pelo conteúdo em si da religião judaica, mas sim por aquilo que ela tinha vivenciado:

Ser judeu é isso, é de onde vieram meus ancestrais, meus tataravós, meus bisavós, minha mãe. Então é uma coisa que eu sinto muito que eu tenho que passar para frente. Hoje em dia a gente tem acesso a qualquer religião, a qualquer povo, eu já vi um monte de coisa. Eu já fui em templo budista, em daime, em hare krihsna, eu já fui em tudo. Procuro ler sobre esses assuntos, eu adoro tudo, todos acrescentam muita coisa e falam muita coisa, mas é de onde eu vim, entendeu? A letra hebraica, para mim, é uma coisa muito familiar, o shabat é uma coisa muito familiar, a mezuzá é algo que encontro na casa de todos da minha família. É diferente das outras coisas que eu só leio, pois o judaísmo é aquilo que eu posso sentir, é uma continuidade daquilo que meus ancestrais vivenciaram. É o que eu faço parte, entendeu? É a minha história, são os meus ancestrais que me passaram isso. (Milene)



Milene singulariza um processo que envolve a construção constante do que neste trabalho é conceituado como identidade coletiva, ou seja, ela objetiva, nesta fala, a dialética da raiz e da opção, na caracterização do fazer-se judeu, em determinado contexto cultural. É a partir da base da tradição judaica que ela constrói novos sentidos, inventando uma forma específica de viver a judaicidade, tal como todos os outros sujeitos que entrevistei nesta pesquisa.

Nesse sentido, os signos compartilhados por estes sujeitos provocam o sentimento de pertencimento à coletividade judaica, pois são esses signos comuns que constituem esses sujeitos como uma coletividade específica, são através destes signos da cultura judaica que estes sujeitos se unificam e se constituem como judeus e se apropriam afetivamente destes signos, atribuindo a eles sentidos próprios. A apropriação dos signos do judaísmo pelo sujeito passa, sem dúvida, pela afetividade, ou seja, o judaísmo é passado de pais para filhos, assim como qualquer outro sistema de significados, pela maneira como os familiares se relacionam emocionalmente e, portanto, a ligação afetiva de cada sujeito com os responsáveis pela transmissão destes símbolos marca a forma e o desejo de continuidade ou não continuidade desta tradição.

André demonstra claramente que a única razão que faz com que ele participe das festas de *Rosh Shaná* e *Pessach* são as emoções que os símbolos destas festas o fazem sentir, já que as comemorações destas festas incluem rezas, histórias, comidas e rituais que fazem lembrar as vivências de sua infância na casa de sua avó:

A razão porque vou às festas de Pessach e Rosh Shaná não são razões religiosas, porque eu sou ateu, não sou uma pessoa religiosa, mas porque me lembra algumas coisas da infância, que essas eram festas familiares, nada mais, alegres, aconteciam na casa da minha avó, a família toda se reunia, então, me traz alguma coisa boa da infância. Bom, é isso. Eu gosto da lembrança que isso me traz. (André)

O judaísmo neste caso aparece como um sistema de símbolos que media processos psicológicos e ações dos sujeitos. Ou seja, sujeitos estes que na interação com a família e com a coletividade judaica produzem sentidos e emoções que os constituem e, dialeticamente, produzem um judaísmo singular e ao mesmo tempo, coletivo. Roni exemplifica esse processo dialético de ser produto e produtor destes símbolos judaicos quando responde sobre o porquê se sente judeu:

Por que eu venho de um berço com essas tradições, essa ancestralidade de realizar as mesmas coisas há mais de 2.000 anos, realizar as festas as rezas,

quando eu rezo é como se eu soubesse que meu pai fez assim, meu avô fez assim e todos meus ancestrais fizeram assim, mesmo que eu sei que não faça igualzinho, pois o que penso na hora da reza não é a mesma coisa que eles, eu me sinto pertencendo a esta tribo, e sinto que também preciso dar continuidade a isto. (Roni)

Os signos jamais representam algo em si, são sempre signos em relação, para ser um signo é necessário ser partilhado por um grupo, uma cultura. É necessário que comunique algo a alguém. Os signos “porém, apontam para fora de si, são presenças que marcam ausências, e são precisamente estas ausências, ou seja, os “significados” destes signos aquilo que constitui a seiva da cultura humana” (Epstein, 1990, p. 21).

Desta forma, os sujeitos judeus se unificam como coletividade exatamente por compartilharem e atribuírem significados e sentidos afetivos aos mesmos signos. São esses signos que fazem com que um judeu brasileiro, um judeu americano, um judeu libanês e um judeu israelense se identifiquem em semelhanças. Ao perguntar ao Sandro o que para ele caracteriza uma semelhança entre ele e outros sujeitos judeus, fica claro a importância deste compartilhar, de compartilhar significações aos mesmos signos:

[...] então eu acho que existe uma identificação com valores éticos e uma questão até estética, a começar, por exemplo, pela questão do alfabeto hebraico, o alfabeto hebraico é muito marcante dentro do judaísmo [...] enfim, a identificação, como eu dizia, eu acho que passa por questões éticas, por questões estéticas, porque tem toda uma base estética judaica que já perdura por muito tempo e faz parte do que a gente conhece, os símbolos judaicos também: a menorah, a mezuzah e o mais óbvio é a estrela de Davi, mas que também tem todo um porquê dessa estrela de seis pontas, destes dois triângulos, então tem várias coisas que eu vejo e que sinto e que me tocam enquanto pessoa, entendeu? (Sandro)

Os símbolos, então, são responsáveis pela manutenção desta cultura. São eles que nas relações mediatizadas pelos sujeitos judeus transmitem o judaísmo de geração em geração, produzindo nos sujeitos afetividades e emoções, mediando as relações familiares. Assim, ao mesmo tempo em que o judaísmo e todo seu conjunto simbólico perpassam por toda a família e por todos os sujeitos judeus, a família e os sujeitos judeus são também responsáveis pelas significações dadas a estes símbolos, produzindo assim sentidos diferentes para cada sujeito.

Essa relação do judaísmo e seu conjunto simbólico como unificador da família e de todo povo judeu aparece em todas as falas dos sujeitos como

respostas a diferentes perguntas. É claramente perceptível que os sujeitos respondem como uma das características fundantes desta coletividade judaica a união familiar, pois ao mesmo tempo em que o judaísmo é mediador da família, os familiares são também catalizadores do judaísmo.

Essa história da família é uma coisa que a gente não escolhe, quer dizer, há teorias, mas amigo, há pessoas que a gente pode continuar ou não, e sempre tem muitas dificuldades, então ali sempre tem um mistério, do universo, e que a gente sabendo lidar bem, com a família, aprendendo, a família judaica tem algo que é muito unida, e algo que faz com que se una, tem o judaísmo em comum. (Roni)

Em minúcias, a família, por ser um local privilegiado de relações afetuosas, e estas relações, no caso da família judaica, perpassadas por vivências emocionais repletas de judaicidades, provocam nos sujeitos necessidades emocional-afetivas de dar continuidade à tradição e à memória judaicas. Um exemplo disso é a fala de Sandro, em que aponta a morte do seu pai como fato encadeador de um reacendimento do judaísmo em sua vida, e ainda em Florianópolis:

Na verdade quando meu pai faleceu, foi em 1984, eu senti que em termos de responsabilidade e de manutenção do judaísmo, o fato de existir meu pai, do lado mais masculino, passou para mim, digamos assim, essas responsabilidades para as gerações futuras. Digamos assim, da minha família, então, eu comecei a sentir uma falta maior, até porque eu estava muito triste pela perda, e a gente procura uma base, uma estrutura psicológica, emocional e o judaísmo é o que me ligava a ele – como um caminho – para esse tipo de coisa. Foi quando houve uma reaproximação minha com o judaísmo, aqui em Florianópolis, inclusive isto tem uma responsabilidade com a própria estruturação com a comunidade aqui. Acho que naquela época havia algumas famílias muito dispersas, e a gente começou a se reunir a partir de um momento em que eu achei importante fazer uma reza, decorridos os 30 dias do falecimento, e meio que catalisou o sentimento de algumas pessoas que já tinham, e começaram a ter encontros e tal, até que anos depois, em 1990, digamos assim, com o apoio de pessoas do Rio Grande do Sul e tudo, que estavam aqui, a gente acabou estruturando uma associação Israelita no estado de Santa Catarina, a A.I.C que foi a primeira e única até hoje, constituída desta forma em Santa Catarina. (Sandro)

Deste modo, o contexto emocional de Sandro, suas relações familiares e principalmente suas necessidades emocionais possibilitaram a (re)construção de um judaísmo singular e coletivo, já que ao mesmo tempo em que ele (re)acendeu um judaísmo em sua vida, ele também o fez em Florianópolis.

Singularmente, cada sujeito entrevistado, objetivou a memória judaica, permeada pela afetividade que a engendrou e, reflexivamente, destotalizou a tradição, retotalizando-a por meio de antigas práticas, mas com novos sentidos. Coletivamente estes sujeitos constroem a identidade judaica de Florianópolis objetivando a dialética entre raízes e opções, na igualdade e na diferença em relação àquilo que viveram e que suas memórias afetivo-volitivas lhe permitem lançar para o devir.

### Considerações Finais

O perfil da coletividade judaica de Florianópolis apresenta características próprias e novas para a identidade judaica contemporânea. Diferentemente das coletividades judaicas de outras cidades, em que os sujeitos pertenciam antes de optarem por morar em determinada cidade, onde as instituições judaicas já existiam, em Florianópolis os sujeitos se constituem e constroem uma coletividade de modo que faça sentido às características próprias desta população.

A re(criação) de um judaísmo de acordo com os interesses desta coletividade está diretamente relacionada às apropriações dos significados convencionais do que é ser judeu vivenciado em suas famílias, e das/nas (re)significações dos mesmos de acordo com seu contexto sócio-histórico e com as vivências afetivas, emocionais e intelectuais de cada sujeito que encontrou em Florianópolis a liberdade e a possibilidade de atuar, concretizar e construir um judaísmo aberto para as características deste coletivo. Em sua maioria, são jovens, famílias que vieram para esta cidade em busca de qualidade de vida e que se inseriram e se integraram à vida social florianopolitana, construindo relações e vivências dentro deste contexto, de forma que as relações de amizades, namoros e casamentos se estabeleceram por afinidades, resultando em uma coletividade em que a maioria dos casamentos são casamentos mistos.

No entanto, estes fatores não podem, de maneira alguma, serem vistos como indiferença judaica, no sentido de um desligamento do judaísmo e das tradições judaicas, já que os sujeitos desta pesquisa demonstraram um desejo de construir uma vivência judaica, e demonstram estarem construindo isto amparados em determinações que trazem dos seus contextos educacionais. Neste sentido, os entrevistados desta pesquisa apontam para uma semelhança aos trabalhos de Hensi (2003) e Lewin (1997) sobre jovens judeus liberais em

São Paulo e no Rio de Janeiro, que se inserem e integram no contexto brasileiro, sem que isto exclua a possibilidade de vivências judaicas. Destacamos que esta opção de manter um judaísmo também é uma forma que os sujeitos contemporâneos encontram para, ao mesmo tempo, se refugiarem da globalização homogeneizadora da sociedade atual sem excluir a diferença (Sawaia, 1996, p. 83).

A construção desta identidade judaica em Florianópolis aparece como escolha dos próprios sujeitos, e não algo imposto pela família ou pelas relações pessoais, pois a maioria dos entrevistados, ao mudar para esta cidade, teve como possibilidade questionar e posicionar-se frente ao judaísmo, optando por vivenciá-lo ou não. E, embora os sujeitos demonstrem contradições, conflitos e questionamentos sobre o que querem dentro do judaísmo, esta coletividade apresenta novos sentidos e significados para a identidade judaica em geral. Presentifica-se, desta forma, o caráter de permanência e transformação que ocorre nas identidades culturais, sempre como uma negociação de sentidos singulares e coletivos.

As semelhanças por meio das quais os judeus entrevistados identificam-se e motivam-se para uma unificação na cidade de Florianópolis cobre uma miríade de aspectos da cultura judaica vivenciadas pela coletividade como um todo. Entre elas, optamos por analisar como os sujeitos vivenciam a religião judaica, a tradição, a cultura, os ritos, a afetividade, os símbolos e os signos que dão suporte para a manutenção e transformação desta identidade.

O sentido atribuído a ser judeu apareceu de forma singular ligado a conteúdos intelectuais, vivenciais e afetivos de cada um. A auto-identificação de cada sujeito desta pesquisa para com o judaísmo mostrou o caráter heterogêneo deste coletivo, que é significado homogeneamente apenas quando significados por uma alteridade. O olhar externo sobre este coletivo e, principalmente, o olhar anti-semita, é o único fator capaz de unificá-los como iguais, demonstrando, portanto, que toda e qualquer identidade só existe em relação a uma alteridade. Deste modo são sempre posicionais, relacionais e fluidas.

Esta perspectiva indica que a produção de identidade coletiva é uma construção dialética entre raízes e opções, tal como teorizou Sousa Santos (1995a) Há que se pensar que a construção desta identidade é uma escolha dos sujeitos, mas como toda e qualquer escolha, é situada, no sentido em que lhe atribui Sartre (1984), ou seja, o sujeito atua sobre seu contexto, a partir de determinadas condições objetivas que o precedem, devidamente situado dentro de determinada gama de opções. Esta escolha é o resultado induzido

de uma série complexa de dialéticas que, a partir de um estado primeiro, mínimo de judaicidade (definido pela família, história e passado), o homem judeu é remetido a si mesmo pelos outros e, desta forma, atuando no mundo, confirma e produz sentidos singulares desta judaicidade (Robert Misrahi *apud* Guinsburg, 1970, p. 608).

Assim, ao se objetivarem por meio de ritos, festas, memória à condição judaica da qual fazem parte, os sujeitos concretizam, a partir do passado, as vivências do presente e se projetam como judeus para um futuro, mostrando, desta forma, o caráter constante e aberto de produção de identidade.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo foi produzido a partir da dissertação *Produção de sentidos e identidade judaica em Florianópolis*, pesquisa realizada por Lia Vainer Schucman junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e defendida em 2006 orientada pela professora doutora Kátia Maheirie do mesmo departamento.

<sup>2</sup> O conceito de *modernidade tardia* apresentado por Giddens é usado aqui para definir a época contemporânea, que segundo o autor se apresenta como uma radicalização dos traços básicos da modernidade, bem como “A ruptura com as concepções providenciais de história, a dissolução da aceitação de fundamentos, junto com a emergência do pensamento contrafactual orientado para o futuro e o ‘esvaziamento’ do progresso pela mudança contínua, confrontando com o projeto iluminista” (1991, pág. 56).

<sup>3</sup> Associação Israelita Catarinense.

<sup>4</sup> Segundo Giddens (1991, p. 107), *tradição* diz respeito às maneiras pelas quais crenças e práticas são organizadas, especialmente em relação ao tempo. A tradição contribui de maneira básica para a segurança ontológica na medida em que mantém a confiança na continuidade do passado, presente e futuro, e vincula esta confiança a práticas sociais rotinizadas.

<sup>5</sup> Halachá – palavra que construída sobre a raiz do verbo caminhar significa “caminho de vida” e é traduzida como lei, que além das regras, inclui elementos de ética e de concepção de mundo.

<sup>6</sup> Psicologia Sócio-Histórica é uma perspectiva da Psicologia Social Latino-Americana que se fundamenta no materialismo histórico e na dialética enquanto concepção epistemológica, dialogando com autores que contribuem com uma visão histórica e social do sujeito.

<sup>7</sup> O nome do sétimo dia da semana é derivado do hebraico – *Shabat* – que significa dia de descanso. O respeito ao dia de descanso é 4º mandamento bíblico.

<sup>8</sup> O judaísmo tem diversas leis e preceitos para o enterro e para o luto, um deles é que os judeus não podem ser cremados e nem embalsamados, devem ser enterrados na terra, o caixão deve estar fechado durante o velório, o corpo deve ser enterrado na terra, e todo judeu deve ser enterrado em uma área junto com outros judeus.

<sup>9</sup> O cemitério Jardim da Paz é um cemitério ecumênico, e se encontra no bairro Saco Grande na cidade de Florianópolis.

<sup>10</sup> Dia que os judeus fazem jejum em lembrança da destruição do primeiro templo de Jerusalém.

## Referências

- BARON, Salo W. *Historia e Historiografia do Povo Judeu*. São Paulo: Perspectiva., 1974.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. & FENART-STREIFF, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1997. Parte II.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BONDER, Nilton & SORJ, Bernardo. *Judaísmo para o século XXI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 171p.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, S. e CODO, W. (orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- EPSTEIN, Isaac. *O signo*. São Paulo: Ática, 1990.
- FINKIELKAUT, Alain. *El judío imaginario*. trad. J. Jordá. Barcelona: Ed. Anagrama, 1981
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GUINSBURG, Jacó (org.). *O Judeu e a Modernidade*. Perspectiva: São Paulo, 1970.
- HENSI, Sylvana. *Identidade Judaica Significados e Pertinência: um estudo sobre jovens judeus liberais*. Tese de doutoramento. FFLCH-USP, 2003.
- LANE, S. e SAWAIA, B. (org.). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LEWIN, Helena. O olhar do jovem sobre sua identidade judaica. In: Lewin, H. (org.). *Judaísmo: Memória e Identidade*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997. Vol. 2. p. 9-22.
- MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Revista Interações*. São Paulo, v. 7, nº 13, p. 31-44, jan-jun.2002
- \_\_\_\_\_. Identidade: o processo de exclusão/inclusão na ambigüidade dos movimentos sociais. In: ZANELLA, A.; SIQUEIRA, M. J.; LHULLIER, L.; MOLON, S. (orgs.). *Psicologia e práticas sociais*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 19 ed., v. 1, p. 60-67, 1997.
- MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MISRAHI, Robert. In: GUINSBURG, Jacó (org.) *O judeu e a modernidade*. Perspectiva: São Paulo, 1970.
- MOLON, Susana Inês. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. São Paulo: EDUC, 1999.

- OLIVEIRA, M. Khol de; DANTAS, Heloísa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summun, 1992.
- PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Caderno Cedes*, n. 24, julho, p. 32-43. Campinas, 1991.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989. Estudos Históricos.
- SARTRE, Jean Paul. *Reflexões sobre o racismo: a questão judaica*: São Paulo: Ática, 1995.
- SAWAIA, Bader. *A consciência em construção no trabalho de construção da existência: uma análise psicossocial do processo de consciência de mulheres faveladas participantes de movimentos urbanos de reivindicação social e de um grupo de produção de artesanato*. Tese de Doutorado, PUC/SP, 1987.
- \_\_\_\_\_. Comunidade como ética e estética da existência. Uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. [sl]: *Psyque* 8(01), 19-25. 1999a.
- \_\_\_\_\_. *Identidade: uma ideologia separatista? As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petropolis: Vozes, 1999b.
- \_\_\_\_\_. A temporalidade do “agora cotidiano” na análise da identidade territorial. *Revista Margem - Temporalidade*, dez. São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP, 1996 (Biblioteca SAS).
- SORJ, Bernardo. Sociabilidade brasileira e identidade judaica In: SORJ, Bila (org.). *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- SORJ, Bernardo; GRIN, Mônica (orgs.). *Judaísmo e modernidade: metamorfose da tradição messiânica*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- SORJ, Bila (org.). *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- SOUZA SANTOS, Boavenntura de. Conferência realizada na PUC/SP, set. 1995a.
- \_\_\_\_\_. *Pela mão de Alice*. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995b.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. O significado histórico da crise da psicologia. Uma investigação metodológica. In: *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martin Fontes, 1996b.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.